

## PREFÁCIO

Acompanhei o projeto Alfabetizar(se) desde os seus começos em conversas informais com os seus coordenadores no início de 2003. O desejo de realizar um trabalho efetivo no enfrentamento do grave problema do analfabetismo em nosso país era a tônica de nossas conversas em momentos de descontração diante do belo mar das Flecheiras.

Vivíamos um clima de entusiasmo e esperança com a perspectiva de que em um novo governo teríamos um projeto nacional, que viria enfrentar, finalmente, os graves e crônicos problemas do desenvolvimento brasileiro, sobretudo nas regiões norte e nordeste. Nestas regiões, as taxas de analfabetismo são elevadíssimas – em torno de 30% da população – o que nos marca tristemente e nos envergonha, com índices de desigualdade social e econômica semelhantes àqueles dos países subdesenvolvidos. Vimos, então, reacender-se a velha chama e o sonho que trazíamos dentro de nós, alimentado por tantos anos de estudos, de pesquisas e trabalhos realizados com a aspiração de um dia poder conviver em uma sociedade mais justa e mais igualitária em nosso país. Este sonho, de fato, nunca esteve ausente do trabalho cotidiano realizado por esses professores que hoje integram o grupo de coordenadores desse programa. Agora, ele seria partilhado com estudantes de cursos de graduação de nossa universidade, que vieram dele participar com a sua energia e entusiasmo.

Na verdade, todos aqueles que trabalham com a educação em nosso país sempre souberam que a tarefa no combate ao subdesenvolvimento, que caracteriza grande parte das regiões brasileiras, passa, necessariamente, por um investimento maciço em educação. Concomitantemente a outros projetos e programas, como o de combate à fome –

o índice de insegurança alimentar no país é de 7,7%, enquanto no Ceará, atinge 13,5% da população – o de saúde da família, o de habitação, o de combate ao desemprego poderiam pelo menos, indicar o caminho para um futuro menos desigual em nosso país.

De fato, o programa Alfabetizar-(se) não nasceu ali nos começos de 2003. Suas raízes são mais antigas, e fazem parte, sem dúvida, de um conjunto maior, que abarca a educação em todos os níveis. Aqui, ele surgiu como a realização do desejo desses educadores de participar de forma mais efetiva do processo de construção da democracia e da cidadania em nosso país. Isso seria realizado por meio de um trabalho educativo, que apontasse para a ampliação de horizontes, alargamento de possibilidades profissionais, e significasse, sobretudo, uma porta aberta para o processo de crescimento pessoal dessa enorme faixa da população marginalizada do ponto de vista cultural. Sem dúvida, esta contribuição voltada para a autonomia de si mesma e da coletividade, ocorreria, ainda que de forma modesta e precária, dadas as condições objetivas de existência desta população.

O conjunto de textos que compõem este livro representa, assim, a expressão de um sonho vivido e partilhado coletivamente, alimentado por ideais de justiça e de igualdade, que a dureza da realidade e as dificuldades enfrentadas por todos aqueles que trabalham com a educação em nosso país não conseguiram apagar. E aqui me lembro de Rubem Alves, que, em um belo texto, afirma:

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim *affecare*, quer dizer 'ir atrás'. O afeto é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado.

A tarefa do educador não é, portanto, aplacar a fome do saber, mas indicar caminhos, veredas e atalhos, que operem como bússola no sentido da busca do saber e da decifração do mundo e de si mesmo, em direção a uma sociedade mais justa e uma vida mais feliz.

Fortaleza, março de 2006.

*Mirtes Mirian Amorim*

Professora de Filosofia da UFC.